

A BATALHA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento se-
manal, Lisboa, mês 950; Província, 3 me-
ses 2850; África Portuguesa, 6 meses
7000; Estrangeiro, 6 meses 11000.

Afinal, quem são os divisionistas?

A C. G. T. e o seu órgão A BATALHA estão hoje onde sempre estiveram: na defesa dos bons princípios emancipadores

Explicadas já as razões do nosso quasi absoluto silêncio ante a acção desagregadora de alguns elementos do campo operário, muita embora continuando a não descurar o ataque ao reduto capitalista e a todos os seculares inimigos do proletariado, vamos, bem mau grado nosso, escarpelizar as atitudes, as afirmações e os actos dos detractores da orientação que norteia a organização operária portuguesa confederada. Mau grado nosso, dizemos, sim, porque nos não é grato este terçar de armas com os que ontem se diziam nossos camaradas, não apeteçamos este degladiar de indivíduos que outrora militaram na mesma barricada, que juntos lutaram para imprimir à C. G. T. e à Batalha, seu órgão, a orientação que as anima.

Porque não estamos obliterados pela paixão que domina aqueles que marcam neste momento como nossos antagonistas — antagonismo de princípios que vai até à inimizade pessoal — e porque só uma paixão nos domina e um anseio nos alenta e que é, em síntese, o radical no espírito da legião do trabalho a necessidade de por si própria conquistar sua alforria de todas as antigas e modernas tutelas, aperebemo-nos do efeito que vem produzindo a acção demolidora do nosso campo, empreendida por esses elementos operários que inverteram a sua missão.

Neste momento a burguesia capitalista, cujo pedestal furiosamente machadamos em alguns anos passados, essa caterva de inimigos das reivindicações operárias que a custo cedem regalias materiais e morais, recebem-se, não na sua obra própria, mas na daqueles que apregoando o desejo de a esfacelar, vão, pelos seus actos, fortalecendo-lhe o poderio. E' ver como ela joga chufas, ri e aplaude a obra dos divisionistas do campo operário, ao mesmo tempo que aproveita o ensejo para procurar reconquistar o terreno que foi forçada a ceder.

E a C. G. T., organismo criado pelos trabalhadores como uma necessidade revolucionária; e a Batalha, porta-voz da C. G. T. e cuja vida de sete anos é feita de árdua luta contra o inimigo comum, são forçadas pelas circunstâncias criadas pelos apóstolos relapsos, a redobrar de energias, a multiplicar esforços para conter em respeito a burguesia — que julga azado o momento para atacar de flanco o proletariado organizado, rechacá-lo nos seus redutos e extorquir-lhes as suas conquistas — ao mesmo tempo que procura manter também em respeito todos aqueles que, criminosamente e levados por absurdas paixões, semeiam a sisanha, servindo-se, por vezes, de armas que os inimigos declarados já tiveram a coragem de manejar.

Fique, porém, bem entendido: A Batalha, órgão da C. G. T., central revolucionária, dum revolucionarismo que não é empírico, posto que a ele se deve o pouco do bem conquistado, não faz campanhas de ódios mas responde a elas, já mais atacará classes que servem de escudo a maus orientadores, mas não deixará de criticar os erros destes, no intuito único de elevar a mentalidade operária ao ponto de que seja impossível meia dúzia de mentecaptos alcançarem-se em homens de situação, impondo tiranias precoces aqueles cujo feto único deve ser o emanciparem-se.

Obedecendo a um perverso mote-dorde internacional, herança recebida das hostes de Loiola, busca-se "dividir para dominar". Dominar, eis o feto desses homens.

Mas eles estiveram na C. G. T., durante anos — dir-nos-ão. Sim, é certo, militaram na C. G. T., afirmaram-se libertários, denominaram-se mesmo anarquistas, enquanto se não possuíam da febre de, numa obsessão irrisória e num desprêzo absoluto pelas condições geográficas e étnicas do país em que vivem, se deram a querer transplantar para cá o figurino russo, não dos princípios que nortearam a revolução que se operou na Rússia, mas da situação política que surgiu dessa revolução. Calcando as afirmações produzidas, esquecendo os bons efeitos das táticas que hoje dizem

detestar, capciosamente têm procurado desviar o curso libertador da organização operária para o terreno político, enganoso e de fingidas realizações imediatas.

De anti-parlamentaristas fizeram-se parlamentaristas; de anti-colaboracionistas passaram a defender a colaboração de classes, ao ponto de participarem com os partidos políticos da burguesia na conquista de lugares no parlamento. A C. G. T., organismo essencialmente de luta de classes, anti-político e anti-autoritário, era-lhes acanhado campo de manobras.

Colocados na situação de minoria, visto que a maioria dos militantes confederados souberam manter-se fieis aos princípios revolucionários, lançaram-se num trabalho obstrucionista. Nem ao menos se sugereiam a acatar o princípio básico do sindicalismo, pelo qual as minorias respeitam as resoluções das maiorias. Nas sessões do Conselho Confederal onde os delegados devem representar classes, defender-lhes os interesses e condenar esforços no sentido de as emancipar — menoscabam-se esses objectivos e todo o tempo era absorvido na apresentação e defeza de objectivos políticos. A maioria reagiu e obstinou-se, naturalmente, na manutenção da C. G. T., com a directriz que os congressos — compostos por delegados directos da massa agrupada nos sindicatos — lhe demarcaram. Bloqueados, incapacitados de servir na C. G. T. os objectivos da sua facção política, forjaram então a scisão, enganando as suas classes e procurando semear, dum modo geral, no seio da massa, a desconfiança da sua própria força e a desconfinça dos elementos seus escolhidos para lhe orientarem a acção.

Teremos que convir, que a burguesia, cujo pânico após o armistício da grande guerra foi evidente, já mais supoz vir a encontrar elementos tão preciosos para a reconstituição do seu poderio.

A comemoração do aniversário de A BATALHA vai revestir-se de grande brilho

Estão despertando grande interesse as festas que vão realizar-se este ano, por ocasião do aniversário, em homenagem à BATALHA.

A comissão promotora das referidas festas está empregando os seus melhores esforços para que elas resultem brilhantes e grandiosas.

Tão bem conduzidos vêm sendo os seus trabalhos que já hoje pode dar ao operário e aos simpatizantes deste jornal que no dia 26 do corrente se realizará no teatro Apolo uma grande festa de homenagem à BATALHA.

Mercê da amabilidade da empresa daquelle popular teatro, e devido aos esforços de D. Berta Bivar e Alves da Cunha, realizam-se-lhe um esplêndido espectáculo, subindo à cena uma das melhores peças do seu variado repertório.

A comissão promotora das festas, ao contrário do que é costume fazer-se em tais emergências, resolveu não aumentar o preço dos bilhetes a fim de facilitar o acesso do operário a esse teatro. Esses preços são, portanto, os seguintes:

Fauteuils de orquestra, 1530; fauteuils de primeira, 1130; cadeiras, 815; geral numerada, 615; geral simples, 365; frisas, 6530 e 5530; camarotes de 1.ª ordem, 6530 e 5530; de 2.ª, 4830, e de 3.ª, 3030 e 2530.

Lembra a comissão aos nossos leitores e aos organismos operários a conveniência de requisitarem os bilhetes até ao dia 22 do corrente, na administração de A BATALHA. Com todos os seus componentes a comissão volta hoje a redimir pelas 21 horas, para continuação dos seus trabalhos.

Congresso Internacional do Direito Penal

A União Internacional de Direito Penal, instituída depois da guerra para continuar a obra da associação do mesmo nome, encarregou um dos agrupamentos que a constituem a União Belga que se ocupa daquele ramo de direito, de promover a organização de um congresso internacional, que deve reunir em Bruxelas, no corrente ano, durante o Pentecostes. O facto foi comunicado ao ministério da Justiça pelo dos Negócios Estrangeiros, o qual acrescentou que o governo belga manifestou desejo de que Portugal se fizesse representar oficialmente na reunião. Satisfazendo o desejo manifestado pelo mesmo governo, foi enviada a várias personalidades portuguesas uma circular sobre o assunto elaborada pela referida União Internacional.

A área da "traição à pátria" cantada pelos "patriotas" que têm negociado a pele do povo

"Crime de lesa-pátria" é uma frase que ainda impressiona fortemente as multidões. Quando as criaturas embaudas de preconceitos burgueses ouvem falar de traição à pátria um calafrio percorre-lhes a espinha. Mesmo o povo a quem a frase tanta vez tem sido lançada, como um isco enganoso, ainda se comove. Ora, nós não somos patriotas, somos por ideal, por princípio, internacionalistas, isto é, prezamos todos os povos igualmente. Acha-mos estúpido o preconceito que nos manda, a nós portugueses, só porque nascemos em Portugal, deprimir os outros povos e lesar os outros povos irmãos. Somos leais para com os povos que não falam o nosso idioma, respeitamos a sua liberdade, reivindicando como compensação lógica que respeitem a nossa.

E porque pensamos assim, com esta rectidão e desassombro, consideramos um crime todo o negócio que se faça em detrimento de qualquer povo, quer ele seja português, quer seja alemão.

Na entrevista que concedeu ao *Diário de Lisboa*, o juiz Alves Ferreira entende que os homens do Angola e Metrópole praticaram um "crime de lesa-pátria"; de "alta traição". Os palavras não nos impressionam e parece-nos que por si só não bastam para demonstrar que realmente um plano de financiamento de Angola, tão elogiado por criaturas de patriotismo insuspeito, como Norton de Matos ou Rêgo Chaves, possa ser considerado um "crime de lesa-pátria".

"Crime de lesa-pátria" é, na estreita opinião dos patriotas, o acto que fortemente prejudique uma nacionalidade, um povo. Portanto, se foi, sob esse ponto de vista, criminoso, a atitude do Angola e Metrópole, como qualificar a atitude do Banco Nacional Ultramarino que ao povo português e ao desenvolvimento económico das colónias tão perniciosa tem sido? Se encarado pelo prisma patriótico, o Banco da Silva destruiu pela atenção contra "os sagrados interesses da pátria", Alfredo da Silva, destruindo de forma mais sordida e ignóbil os seus concorrentes industriais que o povo português, é um traidor à pátria; o sr. Alfredo da Silva, abastecendo os submarinos alemães, em plena guerra, quando os portugueses, arrastados como carneiros para a carnificina, caíam varados pelas balas germânicas, é "um traidor à pátria".

Não compreendemos, pois, que o *O Século* se insurja tanto contra uns vagos criminosos de alta traição, quando lá por casa tem amigos que tão bons serviços têm prestado a estrangeiros, em detrimento dos interesses portugueses.

"Quem possui telhados de vidro não arremessa pedras aos dos vizinhos". E' um ditado antigo que tem plena e cabal aplicação à atitude de *O Século*. Quem tem Pereiras da Rosa com conversas suspeitas em Roma e visitas igualmente suspeitas à Sociedade Emigrante Italiana, com sede em Paris, não arremessa palavras patrióticas à cabeça dos outros.

Não nos parece que um Afonso Costa possa ser considerado um patriota sincero, ele que só tem prejudicado o país com os seus negócios e com a sua intervenção nas questões dos Tabacos, dos Fósforos e do Ultramarino.

O patriotismo é uma santa cantiga que estas criaturas de grandes negócios cantam para melhor traírem à sucapa a chamada pátria que dizem amar apaixonadamente.

E' curioso que esses homens, cujo patriotismo é reclamado a cada instante, são os primeiros a vender e negociar o país com o primeiro comprador que para ali surja, quer ele seja italiano, quer alemão, ao passo que os outros, como nós, que se declaram anti-patriotas e defensores portanto da liberdade e do bem-estar de todos os povos, incluindo o português, contribuímos logicamente de uma maneira mais elevada e mais nobre para a defesa dos chamados interesses nacionais. Parece um paradoxo e afinal é a verdade pura e simples. O nosso adversário é que inventam, para nos desprestigiar, que estamos vendidos ao ouro alemão ou russo, conforme as conveniências de momento.

De facto estamos vendidos ao ouro, ao capitalismo de várias nacionalidades, mas vendidos por eles, pelos patriotas da qualidade dos Alfredo da Silva, dos Afonso Costa, dos Pereiras da Rosa que se lamentam, depois de nos terem vendido a pele, de não nos poderem vender os ossos também. Nós estamos vendidos, mas eles é que arcaçam o dinheiro.

Os homens do Angola e Metrópole talvez tivessem praticado um "crime de lesa-pátria", mas os que os acusam não são menos traidores — iguais-nos, ultrapassam-nos mesmo. E como grilam tanto, e nós sabemos que eles têm bons negócios nacionais e estrangeiros, fácil é descobrir que atrás do seu patriotismo se oculta apenas o rancor contra um Banco rival que lhes leu os interesses inconfessáveis.

Estes patriotes da Fina e da Política tomam a pátria pelos seus negócios. Eles acusam o Angola e Metrópole de "trair a pátria", porque ele afinal lhes traiu apenas as negociações. No fundo, aquilo é tudo negócio. O povo tão traído é pelos acusados, como pelos acusadores. O povo é apenas vítima.

Um caso estranho

Um polícia da investigação criminal, para se apoderar duma casa, obriga uma pobre senhora a um sequestro original

Ontem à noite, dois cavalheiros de regular apresentação entraram no nosso gabinete de trabalho e inquiriram: — O senhor reporter está? — Declinada a nossa identidade, um dos cavalheiros entregou-nos a seguinte missiva: — "Senhor reporter do jornal *A BATALHA* — Encontrando-me dentro dum quarto, impedida de receber seja quem for, rogo a v. a. a fim de uma entrevista a fim de poder contar a esse jornal a que chegou o procedimento baixo de um indivíduo, agente da polícia de investigação criminal. — *Ernelinda Fernandes de Sá* — Rua de São Lázaro, 41, 2.º D."

Tratar-se há dum sequestro? Foi a pergunta que de momento nos ocorreu. Porém todas as conjecturas eram extemporâneas. Resolvemos então ouvir D. Ernelinda, a nossa impetrante.

A rua de São Lázaro é uma das artérias mais mal iluminadas de Lisboa. Logo à entrada, do lado esquerdo, o número 41, é o prédio onde se encontra incommunicável D. Ernelinda. Subimos. No segundo andar uma voz roufenta inquiriu dos motivos da nossa visita, a hora tão adelantada da noite. — Somos o "reporter" que deseja falar a D. Ernelinda!

— Não se receba ninguém a estas horas! ouvimos pronunciar quasi guturalmente. Que fazer nesta emergência?

Descemos aquela escada escada. Na rua, uma pessoa que conhece os meandros da questão informa o reporter do seguinte: — No dia 20 do passado mês findou-se a arrendatária da casa que é habitada por D. Ernelinda Sá. Como há mais de seis meses esta senhora residia na casa, entendeu ela ter juridicamente direito à posse da casa.

— Porém, um agente da polícia de investigação de nome Constantino Costa, parente da finada, entendeu que a posse da casa lhe pertencia a ele.

D. Ernelinda Sá passou a ser a vítima das ambições do Costa. O mês de Fevereiro aproximava-se e tornava-se mister pagar a renda ao senhorio.

— Como a inquilina tinha falecido, D. Ernelinda depositou na Caixa Geral dos Depósitos a renda da casa correspondente ao mês de Março.

— Nesta altura, é ainda o nosso informador que nos illicida, o senhorio garantiu ao Constantino Costa a choruda quantia de 4.500\$00 se no dia 8 do corrente a casa estivesse devoluta.

— Compreende-se. O senhorio conseguiria mais do que essa verba com um provável trespassse que viesse a fazer-se.

— Por sua vez ao Costa sorriam os 4.500\$00 e via de procurar por todas as formas inutilizar a pobre senhora. Como verificasse que não conseguia os seus intentos tratou de opor-se por todas as formas a que D. Ernelinda ficasse na casa.

— Tudo quanto acabo de informá-lo pode ser confirmado pela vítima que se encontra ali, à janela, concluiu o nosso interlocutor.

Fazer uma entrevista em tão estranhas condições não é empresa de todos dias. A

bruma daquela artéria de mistura com uma impertinente chuva, fugitava-nos assámente. Não nos intimaram, todavia, esses pequenos nadas. E perguntando a D. Ernelinda, que se encontrava à janela, as causas da sua incommunicabilidade, obtivemos dessa senhora as seguintes informações:

No dia 7, como eu não evacuasse a casa, o sr. Constantino Costa obstruiu-me a cozinha e cortou-me a água, o gás e a electricidade.

— E como tem vivido a senhora?

— Mas há pior ainda. Por ter adoecido, o dr. sr. José António Marques Gerales Barba receitou-me vários medicamentos que o meu algoz de princípio impediu que me fossem fornecidos e só depois de algumas diligências junto da polícia é que consenti que me fossem entregues.

— Não posso sair à rua. O sr. Costa ameaça-me que se sair já não entro!

Sabíamos que Constantino Costa além de não permitir que qualquer pessoa visse D. Ernelinda, não consente também que lhe seja fornecida a comida. O bárbaro polícia pretende obrigar a sua vítima a render-se pela fome. Ou ela abandona a casa ou morre de fome!

Por esse motivo quisemos saber como se tem alimentado essa senhora que um agente da polícia, para ganhar 4.500\$00, condenou ao suplicio de Tântalo. Foi ainda D. Ernelinda que nos disse:

— A comida que me tem sido fornecida é ícada por uma corda, do lugar onde o senhor está para este onde me encontro. Só por intermédio dessa ascensão é que me chega algum alimento para mim e para um filhinho de 10 anos que tenho aqui na minha companhia.

Faltava arquivar mais alguns depoimentos importantes. O do sr. António Alves Correia, proprietário em Almeirim e acidentalmente em Lisboa, consta do seguinte: — Tudo quanto D. Ernelinda disse é verdade. No dia 8, quando passava na rua de São Lázaro, do segundo andar do prédio n.º 41 uma criança clamava que tinha fome. Subi e tive a confirmação do que o senhor ouviu.

— Sei também que no passado sábado foi presente uma queixa no governo civil e na esquadra da Mouraria, e providências ainda não foram tomadas. Mais: na esquadra referida responderam que só interviriam se houvesse gritos de socorro...

O moço do restaurante que fornece a comida para D. Ernelinda confirmou igualmente a recusa do sinistro polícia em permitir que à pobre senhora lhe seja dada alimentação.

Há mais testemunhas deste estranho caso. As que depõem hoje são o suficiente para provar à saciedade quanto pode a arrogância dum homem que abusa da sua condição de polícia para manter sequestrada uma senhora dentro duma casa, só para conseguir mercenariamente uma choruda quantia.

Que mais falta para executar uma corporação que alberga no seu ventre miseráveis como este Constantino Costa?

ASSINEM Os mistérios do Povo

A Congregação da Nossa Senhora do Rosário de Fátima tem várias ramificações em Lisboa

Em que consiste a "União Gráfica", com as "meninas", tipógrafos, residência clandestina dum director das "Novidades",

Teria a Virgem Maria, na sua "aparição", em Fátima, "ordenado" que se procedesse à difusão por meio da palavra escrita das "verdades" católicas, aconselhando para isso a formação de tipografias? E' relativamente fácil fazer espalhar que a virgem teria dado aqueles conselhos, porque ela "fala" ao sabor dos interesses do centro católico e dos negócios "divinos" feitos em torno do milagre de Fátima.

O certo é que a Congregação da Nossa Senhora do Rosário de Fátima tem uma tipografia em Lisboa, situada na rua de Santa Marta, 158, denominada "União Gráfica". No mesmo prédio há um estabelecimento de artigos religiosos de aparência modesta e sordida, onde costuma estar uma empregada que enverga um bibe negro que é, por enquanto, o hábito da Congregação, visto que o projecto dos hábitos brancos com orla de ouro, aguarda, para ser posto em prática, tempos mais favoráveis; tempos mais favoráveis que se aproximam vertiginosamente: haja em vista a sessão de homenagem ao papa, feita na Academia de Ciências em que tomou parte esse político perigosíssimo, sem escrúpulos e sem carácter, sempre em leilão de consciência, que se chama Cunha Leal.

Essa "União Gráfica" tem raparigas exercendo a profissão de tipógrafo que trabalham exaustivamente, recebendo em troca de muitas horas de trabalho uma remuneração irrisória, ignominiosa para quem a dá e para quem a recebe. Mais tarde voltaremos a esse assunto porque a Congregação le Santarém, no que se refere a exploração humana, merece uma larga e especial referência...

Na União Gráfica mora um dos dirigentes e inspiradores das *Novidades* o padre Fernando Pais de Figueiredo. Faz-se em torno deste facto um grande segredo; não convém que se saiba que um homem, apesar de ser padre, a pesar de ser inspirador das *Novidades*, esteja residindo numa casa onde existem meninas, e meninas que são um espelho onde devia reflectir-se a moral daquelas que não são congregantistas — se porventura, as escolas sem deus, nem religião não as tivessem conspurcado...

O sr. padre Figueiredo, moralista que pertence a essa grande corporação moralizadora que é a Santa Madre Igreja Católica, não é capaz de confessar, de revelar publicamente a sua residência, considerando-lhe próprio — mais os santarões da sua igualha — haver conveniência em ter uma habitação clandestina. Este procedimento está de acordo com a moral deste mundo, incerto e iníquo de morcegos, a quem a luz do sol irrita, acobarda e aterroriza. As nossas informações conseguem, porém, fazer um pouco de luz nas trevas em que

eles se dissimulam. Dizem-nos ainda elas que há, relativamente, pouco tempo o padre Figueiredo esteve doente, com uma fratura numa perna e que havia na "União Gráfica" um grande cuidado com ele; tudo e todos empenhados em que sua reverendíssima melhorasse depressa.

Segundo nos consta, o papel em que são impressas as *Novidades* sae da "União Gráfica". E' lá também que é feito grande número de livros e folhetos de propaganda religiosa que sai por baixo preço, dada a exploração que se exerce sobre as raparigas que os compõem e imprimem. Há naquela casa uma distinção hierárquica, segundo a qual são consideradas "meninas" as desgraçadas que ali são vilmente exploradas e "senhoras" umas damas olímpicas que se esfalfam apenas em condenar as outras a verdadeiros trabalhos forçados.

Porém, como as raparigas não perdem facilmente a garridade própria da sua idade e não são, portanto, insensíveis ao facto de andarem miseravelmente vestidas, algumas até calçam alpagatas, as outras damas para justificar os seus trajes luxuosos inventam as mais inverosímeis justificações. Entre elas, tornou-se muito reparado o facto da superiora geral da Congregação, a célebre viscondessa de Andaluz, a quem já fizemos largas e mercedíssimas referências, andar sempre com *toilettes* de deslumbrar, muito luxuosas e muito *chics*, o que não se harmonizava muito com a humildade que devia adoptar a santidade duma tão santa senhora e com o desprêzo soberano que ela afirmava possuir por todos os efémeros e immoralíssimos prazeres mundanos. Compreendendo isso, a santa e hedionda senhora de mais de 50 anos, com a cínica desenvoltura que a caracterizava, afirmou, com um tuosa convicção, que, se fazia de dama excessivamente *chic*, se era tão aristocrática na indumentária como no título, isso representava um sacrifício, um horrível sacrifício praticado para maior honra e glória de Deus. As raparigas ouviram submissa e contritas esta explicação duma dama tão ostentosa em seu trajar, lamentando que a honra e a glória de Deus não fiquem ofuscadas por suas humildes e feias alpagatas!

A Congregação tem várias ramificações em Lisboa, a que nos referiremos mais de espaço. Contentamo-nos por hoje e para fecho deste artigo como referirmos que o arcebispo de Evora, fundador da Congregação da Nossa Senhora do Rosário de Fátima, vem frequentemente a Lisboa. Hospeda-se num palacete da rua Castilho, pertencente ao dr. José Falcão. Está ali como em casa sua, dando recepção a muitas raparigas vítimas ou futuras vítimas dos maneios clericais que temos vindo relatando.

A OBRA DUM ALTO COMISSARIO

O "saco sem fundo" do prémio das transferências Moçambique debate-se arruinada e aflita aos pés do soba Azevedo Coutinho

As leis da oferta e da procura não se alteram com palavras.

Portanto, quando na praça de Moçambique havia livremente oferta de cambiais, o prémio de transferência nunca fôra além de 6 ou 7 %; com o regime da portaria 233 sob o controle do Conselho de Finanças, esse prémio foi até 36 %; em vigor o diploma das cambiais da responsabilidade do Alto Comissário Azevedo Coutinho, com todo o seu volume entregue ao *Conselho de Cambios*, desapareceu a oferta da praça, ipso facto, pela excessiva procura, o prémio de transferência subiu a 100 % e mais.

Azevedo Coutinho tudo sacrificara à ideia de arranjar um *saco sem fundo* onde caísse o *prémio* que fôsse além dos 2,15 % cobrado pelo Banco.

O comércio e indústria começaram a protestar. E' natural que, sendo fácil adquirir cambiais *fôsse qual fôsse o preço*, as associações respectivas não passassem de protestos platónicos, — tomando o caminho cómodo e rendoso do aumento dos preços.

O povo, o bom e ingénuo povo, tudo pagaria; mas, além de razeir o dinheiro na bolsa do público, o Governo tinha-se apoderado das cambiais, não as cedia, e os comerciantes e industriais viam-se na impossibilidade de satisfazer os seus compromissos, e portanto de adquirir novas mercadorias para vender.

Asfixiava-se. De tal situação à ruína do comércio, da indústria, da propriedade, e a miséria de todos os que já mal ganhavam para comer, ia pequena distância.

Levantaram-se clamores alterosos em todos os meios associativos. A população, apertada pelo anel de ferro do excessivo prémio das transferências, e tendo em atenção outros actos de má administração do Alto Comissário, abertamente se manifestava contra a continuação, no poder, do sr. Azevedo Coutinho.

Este, vendo o caminho que as cousas levavam, servindo-se do seu homem das finanças e do *saco sem fundo*, tratou de arranjar imprensa onde se imputassem todas as culpas da situação cambial ao banco emissor, e foi assim que, na "corneta go-

vernamental", em prosa do *financeiro oficial*, começaram a aparecer uns artigos campanudos e ocios, acabando-se por apontar o Banco às iras populares.

Anunciaram-se comícios e inventaram-se assaltos, noutras colónias, ao banco emissor. Então, um inspector deste, escreveu uma carta ao Alto Comissário Azevedo Coutinho, tornando-o responsável pelos acontecimentos que se dessem sob inspiração e pressão do *jornal oficial*, e advertindo-o que acabara de telegrafar, no sentido indicado, à respectiva sede.

Azevedo Coutinho tremeu, não pelo receio às responsabilidades por que a sua reconhecida incapacidade administrativa não lhe deixava medir os acontecimentos e os seus resultados, mas porque, avisada a sede do banco do que se estava passando e chegando tais factos ao conhecimento do governo, era natural que de Lisboa lhe dessem mandado de despejo, perdendo o lugarzinho que lhe rendia um pouco mais de 20 libras por dia.

O medo foi bom conselheiro: — Uma hora depois do referido inspector ter expedido a carta era chamado à presença do Alto Comissário.

Azevedo Coutinho desculpava-se. Dizia que nada tinha com a campanha do jornal em questão. A isto replicou o inspector do Banco que o jornal era composto com material tipográfico saído da Imprensa Nacional, por sua ordem, e que por toda a cidade se dizia que o inculcado director era pago pelo governo (do *saco sem fundo* onde caía, sem medida nem conto, o *prémio* das transferências).

Desta conferência resultou o seguinte: — No primeiro número que saiu, da *corneta governamental*, a campanha abrangida, condenava-se o comício por inoportuno, etc, etc.

Era o Alto Comissário a denunciar Azevedo Coutinho como mandante das campanhas contra o Banco Emissor e a cidade de reviravolta no jornal que se iniciara a sua publicação quando de facto a primeira autoridade de Moçambique ordenara que, para o respectivo efeito, saísse das oficinas

do Imprensa Nacional o material tipográfico indispensável.

Há, porém, outros factos denunciando que Azevedo Coutinho, na ansia de assegurar o *saco sem fundo* do prêmio das transferências, a tudo se abalança.

Quando em visita aos distritos do norte de Moçambique, —havemos de reservar um capítulo, para esta passeata, com um estandarte a acompanhá-lo, com o rebocador «António Enes» a servir-lhe de guarda-costas, — e a ajuda de custo de 10 libras diárias, — a por 20 de Setembro, o Alto Comissário de Moçambique, sr. Azevedo Coutinho, telegrafou ao chefe da Repartição Central, pouco mais ou menos nos seguintes termos:

«Chamo atenção Ribeiro Gomes para ataques dos jornais a prêmio transferência e questão cambial, recomendando-lhe não se esqueça responder na imprensa afecta.»

Ribeiro Gomes era o secretário de Finanças. O telegrama, se não houver quem o roube, há de encontrar-se nos arquivos, mais tarde; a imprensa afecta, toda a gente a conhece em Lourenço Marques: — Era a que se sustentava e sustenta, segundo a voz do Povo, do *saco sem fundo* do prêmio das transferências.

Um gerente do Banco Emissor — dr. Osório — corre que chegou a propor à secretaria de Finanças de Moçambique, a fórmula de se trazer o prêmio de transferência a 25 por cento e até menos, desde que desaparecesse o Conselho de Câmbios.

A toda a gente que com ele conversava, fazia afirmações nesse sentido, e, sob promessas do referido conselho, sacrificando algumas dezenas de mil libras, chegou a fazer baixar o prêmio de transferência a menos de 30 %; em Abril ou Maio; mas o Alto Comissário e o secretário de Finanças mais facilmente se resignaram a ver a provincia de Moçambique perdida do que a ficarem sem o misterioso *saco sem fundo* onde caí, para mais não ser visto ou fiscalizado, o prêmio que avaramente vão recolhendo, das cambiais fornecidas ao funcionalismo ou, clandestinamente, aos compadres da situação; — e por isso não só quizeram aceitar a fórmula indicada, como também pretendiam fugir às promessas feitas para que o prêmio das transferências baixasse por algumas semanas.

Em tais condições, a desgraçada situação financeira de Moçambique seguiu o seu curso. Dentro em breve não haverá empreendimento comercial, industrial ou agrícola, por maiores que tenham sido os seus recursos, que não seja arrastado à falência. — Não haverá indivíduo ou família, por maiores que de longe pareçam os seus rendimentos, que não se sintam arrastados para a miséria.

Tudo se aniquila naquela riquíssima mas desgraçada terra.

Foi o Alto Comissário, Azevedo Coutinho, quem arrastou Moçambique para a gravíssima situação económica em que se encontra, como foi ele o autor da desordem social que cobre de Lousa Lourenço Marques, com centenas de homens, nas prisões, sem outro crime que não seja o não quererem trabalhar, conduzidos pela arcaeta, como bestas.

Diz isto a Provincia de Moçambique pela voz dos seus organismos económicos e sociais, traduzida e reforçada pela imprensa livre: — Sabe isto o ministério das Colónias, embora nos correios e telegrafos do sobado entregue ao mundo despótico de Azevedo Coutinho, haja a mais monstruosa censura à correspondência telegráfica postal.

E no entanto, para ensinamento do Povo e castigo de Moçambique, Azevedo Coutinho, por todos julgados pernicioso e incapaz, lá continua na Africa Oriental Portuguesa, a dar o triste espectáculo do despotismo e da incompetência, conduzindo a nossa mais bela e mais prometedora colónia para o calvário mais doloroso.

No próximo número:

Como Azevedo Coutinho arranca as cambiais aos indígenas, prejudicando-os em quasi 50 %.

“Raia” aéreo Espanha-Buenos Aires

RIO DE JANEIRO, 9.—Os aviadores espanhóis Franco e Alba partiram às 8,5 da manhã para Montevideo, sua nova escala na viagem de Espanha a Buenos Aires.

Uma recepção aos aviadores

BUENOS AIRES, 9.—Uma entusiástica recepção está preparada aos aviadores espanhóis Franco e Alba, que estão realizando o voo de Espanha a Buenos Aires. Sob os auspícios do presidente Alvear foi aberta uma subscrição para comemorar o voo com dois monumentos, um em Palomoguer e outro em Buenos Aires.

HOJE NO EDEN HOJE

TEATRO

As 8,30 e 10,30 da noite

2 ESPECTACULOS 2

com a brilhante fantasia

As onze mil virgens

Espectáculo artístico e da maior sensação pelos encantadores cenários, luxuoso guarda-roupa e ainda pelo notável agrupamento artístico que o interpreta, de que faz parte

HOJE LAURA COSTA HOJE

Coliseu dos Recreios

HOJE

ÚLTIMO ESPECTÁCULO

DA

Grande Companhia de Circo

e do misterioso fakir indiano

BLACAMAN

o homem fenomenal que morre e ressuscita.

ÚLTIMO DIA ÚLTIMO

CARNAVAL

4 hilariantes espectáculos seguidos de bailes de máscaras

3 encantadores «matins» seguidos de bailes infantis

BILHETES À VENDA

AGREMIações VARIAS

Liga dos Direitos do Homem. — Realizou-se a posse do novo Directorio e Comissões da Liga dos Direitos do Homem. A Neves, como socio fundador mais antigo, na ausência do dr. Magalhães Lima, afirmou que esta colectividade é alheia a politica facciosa e partidária. Defende princípios de democracia e de humanidade. Porque defende o direito à existência, ela é pacifista e anti-militarista. Entende que a liberdade individual corresponde a máxima responsabilidade. Todos temos deveres para conquistar direitos. Deseja que o homem seja um ser consciente e assuma a responsabilidade dos seus actos. Por isso combate o ensino congreganista, a acção do ultramontanhismo, junto da infância. Combate o abuso do poder, o abuso da autoridade, o crime, qualquer que seja o aspecto que apresente. Estas palavras considera o orador necessárias naquele momento para que não se lance o laço de «defectistas» a esta colectividade.

Em seguida reuniu o Directorio sob a presidência do sr. Luz de Almeida, resolvendo:

—Defender o operário Manuel Tomé, que devido a uma explosão de um barenho na contramina de São Domingos, em 1909, ficou completamente cego. O infeliz tem 46 anos de idade e três filhos menores. A empresa exploradora da industria mineira de São Domingos deu-lhe o lugar de guarda ao paiol da pólvora, que o infeliz operário desempenha auferindo o salário de seis escudos diários.

—Sobre a administração dos hospitais civis de Lisboa, organizar todos os elementos de estudo, que permitam tratar deste importante assunto.

—Incumbir ao conselho jurídico de analisar o projecto de *habes-corpus* apresentado às Constituintes pelo deputado Adriano Mendes de Vasconcelos e redigir, em representação ao Parlamento, pedindo a immediata promulgação dessa lei.

—Entregar à comissão de Estudos Sociais a análise do projecto de lei sobre a abolição das touradas, da iniciativa de Fernando Boto Machado, a fim de se actualizar, sem prejuizo para as classes interessadas.

Trabalhismo e comunismo

LONDRES, 8.—O congresso anual das secções independentes de Londres, do partido trabalhista, rejeitaram uma moção pedindo que o partido comunista fosse admitido na organização comunista.

DENTES ARTIFICIAIS a 25000. Extracções sem dor a 15000. Concertar-se dentaduras em 4 horas a 20000. Dentaduras completas sem placar em «autoclava». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO
R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

A Rússia e a conferência do desarmamento

LONDRES, 9.—Sir Chamberlain, ministro dos Negócios Estrangeiros, declarou na Câmara dos Comuns, em resposta a uma interpegação, que o governo dos soviets não rejeitou oficialmente o convite que pela Sociedade das Nações lhe foi feito para participar da conferência preparatória do desarmamento. O ministro dos Estrangeiros declarou que o governo dos soviets apenas faz objecção ao facto da conferência se realizar em Genebra, em virtude das divergências existentes com a Suíça, estando sendo realizadas negociações diplomáticas para resolver as dificuldades existentes.

As vítimas da aviação

CAIRO, 9.—Num desastre de aviação faleceu o capitão Tremellen e ficou gravemente ferido o tenente Simpson.

A fundação do império japonês

MARSELHA, 8.—O consulado do Japão associou-se à Sociedade de Geografia para a comemoração do 2583.º aniversário da fundação do império japonês.

No decurso da sessão solene que se realizou na Faculdade de Ciências o sr. Cumabe, consul geral do Japão em Marselha, discursou demonstrando a continuidade do espírito tradicionalista do Japão, apesar da assimilação rápida das ideias modernas, e concluiu dizendo que o seu país atingira a mais completa civilização, em estreita colaboração com a França, pioneira da civilização universal.

O capitão de fragata da reserva, Bernard Franck, fez em seguida uma conferência na qual expoz as grandes qualidades morais do povo japonês.

Todas as autoridades civis e militares assistiram à sessão solene, que foi revestida do maior brilhantismo.

Teatro Maria Vitória

Duas sessões HOJE às 8 1/2 e 10 1/2

O mais notável êxito

A rainha das revistas

FOOT-BALL

A mais célebre peça

Sucesso, estupendo com os «completes» de Remolagem de Cauchins e a famosa canção de «CHATHAM» — «Grip» — novas, no famoso JORCA.

TEATRO APOLO

HOJE—A jocosa comédia

Maridos Encravados

COM

Alves da Cunha

num papel cómico

BREVEMENTE—As peças:

Hortense, deita-te e Pele Nova

Numa grande sessão magna, o Pessoal dos Tabacos do Porto aprecia a sua situação à face do termo do contrato do monopólio e aclama “A Batalha”

No amplo salão da rua Alves Lima, gentilmente cedido pelo sr. M. Pinto de Azevedo, realizou-se no dia 30 do mês findo, a reunião magna do pessoal operário e empregados da Companhia de Tabacos, no Porto, a fim de apreciarem a sua situação ante o termo do contrato de monopólio desta industria.

Representando o pessoal das fábricas de Lisboa, estavam presentes Aleixo Baptista Ribeiro delegado dos empregados; Francisco Antunes, delegado do pessoal extraordinário, e João Rodrigues Cassão, do pessoal da régie. O elemento feminino predominava em número.

Constituída a mesa, preside o velho militante da classe Luiz de Queiroz, secretariado por José Carlos Teixeira e Fernando dos Santos Faria, respectivamente empregados dos escritórios da Companhia e operário extraordinário.

Aberta a sessão às 15,30 horas, o presidente expõe largamente e de forma clara os fins da grande reunião. Congratula-se pela presença dos delegados de Lisboa e conclui por solicitar a atenção máxima dos presentes, posto que se irá tratar de defesa dos seus interesses. Concede, depois, a palavra ao primeiro orador inscrito.

Cesar de Campos principia por congratular-se pela presença dos delegados de Lisboa e pela acorência da sua classe a esta sessão, pois é notória a boa disposição com que todos abandonaram os serviços ao meio dia. Depois de relatar a sua ida à Capital, faz uma exposição interessante dos três regimes de trabalho, *liberdade de fabrico, régie e monopólio*, regimes já experimentados pelo pessoal dos tabacos. Termina fazendo uma defesa calorosa dos direitos das classes reunidas.

Aleixo Baptista Ribeiro, delegado dos empregados de Lisboa, saúda os seus colegas do Norte. Entrando no assunto que deu motivo à reunião, aprecia a situação das classes dos tabacos e afirma não lhe interessar sobremaneira o regime a adoptar. O que é necessário, afirma, é que fiquem salvaguardados para todos os operários os seus direitos como produtores que são duma industria rendosa. A frente unica estabelecida entre todo o pessoal e suas delegações deve perdurar, pois que até hoje em comum têm defendido os interesses de todos.

Na mesa é lido um telegrama de Henrique Almeida Pinto, de Lisboa, saudando os seus colegas do Norte e lamentando não estar presente. Este documento foi acolhido com aplausos.

Em sua seguida a palavra João Rodrigues Cassão, um dos mais velhos operários dos tabacos, delegado do pessoal da régie de Lisboa. Começa por afirmar que em seu lugar deveria falar nesta sessão o seu velho colega e valioso elemento Joaquim José da Rocha, ausente por motivo de falta de saúde e que por isso nele delegou, com a anuência das delegações. Cassão descreve, com uma clareza que lhe advena da prática, o que são os três regimes de exploração da industria dos tabacos. História o que foi para os operários o regime de liberdade de industria, regime de fome e de misérias inenarráveis, em que os parcos salários abriam as portas à tuberculose.

A liberdade estaria bem, se não estabelecesse a desigualdade. Julga que será o regime da régie, com uma administração honesta e conscienciosa, aquele que melhor poderá garantir uma relativamente boa situação a todos os assalariados da industria dos tabacos, ao mesmo tempo que melhor servirá também os interesses dos consumidores e do próprio Estado.

Podendo escolher, o pessoal optaria de certo pela régie, porém venha que regime vier, o que é mister é que se garanta o pé a 4.000 assalariados que representam cerca de 20.000 bocas.

O orador escarpelista depois o regime de monopólio, e expõe largamente a situação difícil em que se tem debatido o pessoal extraordinário, vítima duma desigualdade de remuneração inexistente. Termina apelando para que a classe adopte um unico lema: manter-se unida e defender firmemente os direitos a que tem jus.

Francisco Antunes, delegado do pessoal extraordinário de Lisboa, começa por referir-se às lições dos velhos sobre os regimes já suportados. Corrobora e reforça as afirmações produzidas pelo seu camarada Cassão, espreitando sobre factos ocorridos dentro do actual monopólio.

Julga que o sistema de régie com a garantia de manutenção da vida e iguais direitos para todo o pessoal, será o mais conveniente. Termina por saudar a união de toda a classe, com um viva fartamente correspondido.

Filipe de Sousa Dias, dos manipuladores do Porto, apresenta uma moção baseada na que foi aprovada na sessão magna realizada em Lisboa.

Volta a usar da palavra Cesar de Campos, que apresenta uma proposta do teor seguinte:

1.º Proponho que se saúde toda a imprensa que tem dispensado as suas colunas para a defesa do pessoal dos tabacos especializando nessa saúdação o jornal *A Batalha*.

2.º Um voto de profundo agradecimento ao sr. Manuel Pinto de Azevedo, pela cediência da sala para esta reunião.

Falam ainda Alexandre Pinheiro que apresenta uma moção no sentido da de Filipe Soares Dias e Domingos Ribeiro da Silva e José de Queiroz que fazem considerações sobre o assunto em debate.

Aprovados por unanimidade os documentos apresentados, foi encerrada a sessão, pelas 18,35 horas, reinando o maior entusiasmo e levantando-se vivas à classe dos tabacos e a todo o povo trabalhador.

SÃO LUIZ

Telef. C. 224

Últimas de

A MOÇA DE CAMPANILHAS

Bilhetes à venda para o Carnaval

Carnaval

O programa dos belos espectáculos no São Luiz, para as 4 noites de Carnaval é o seguinte: Sábado, 13, «Moça de Campanilhas»; Domingo, 14, «Flor do Tojo»; Segunda-feira, 15, «Moça de Campanilhas»; e Terça-feira, 16, «Os Clavados»; três dos maiores sucessos desta temporada.

Já avultado o número de camarotes e frisas adquiridos por várias famílias para os festejos carnavalescos que vão realizar-se no Gimnasio, a começar no Sábado. Representar-se-ão, alternadas, as peças «Vida e Doçura», «A tia Andrezinha» e «A guerra ao vinho», que são três autênticos êxitos, as quais serão acompanhadas do novo original de Barbosa Júnior, a «Revista Nua». É este o primeiro carnaval que se festeja no Gimnasio, depois da sua reconstrução, havendo bailes nos «foyers» e no lindo «Salão Egípcio», aonde os espectadores podem dar expansão aos folguedos carnavalescos.

Recrudescer de dia para dia o entusiasmo pelas festas do carnaval no Maria Vitória. Não fugindo à praxe estabelecida desde a inauguração do teatro, haverá ali, sempre, duas sessões que serão preenchidas com a sensacionalíssima revista «Foot-Ball». Para essas recitas já estão à venda os bilhetes, e para que o divertimento do público possa prolongar-se estará o teatro aberto muito antes de começar a 1.ª sessão, e, também, depois de finalizar a 2.ª. Para passar alegremente o carnaval, impõe-se, portanto, uma visita ao Maria Vitória.

Vão ser revestidos do maior deslumbramento os espectáculos e bailes do carnaval, que se realizam este ano no Coliseu dos Recreios, onde se preparam grandiosas festas, que hão-de marcar pela sua importância e brilhantismo. Os espectáculos organizados admiravelmente efectua-se Sábado, Domingo, Segunda e Terça-feira, sendo seguidos por deslumbrantes bailes de máscaras. Domingo, Segunda e Terça, há três encantadoras matinees, seguidas de bailes infantis, com prémios às crianças mais bem mascaradas.

Os bilhetes encontram-se já à venda. Foram muito apreciadas as cédulas sociais que foram à Secção de Palma do S. U. da Construção Civil, que deixaram o auditório bastante satisfeito tendo o juri conferido os prémios seguintes:

1.º «Os forçados», autor Abel Pereira de Araújo; 2.º «A voz do tempo», de Adriano Reis; 3.º «Os quadrilheiros», de Abel Pereira de Araújo. A distribuição dos prémios far-se-á hoje, pelas 21 horas.

Sábado haverá novo concurso de cédulas, sendo igualmente conferidos três prémios às mais bem apresentadas, sobre estudos sociais.

Na sede do Sindicato Unico Metalúrgico, Rua da Esperança, 122, 2.º, realiza-se no próximo Sábado um concurso de cédulas, pelas 21 horas, para o que se encontra a inscrição patente todos os dias das 20 às 23 horas.

Há três prémios aos concorrentes. A comissão promotora do certame a realizar no Sábado, previne todos os concorrentes que desejarem assistir, que requisitem os bilhetes até Sexta-feira, 12, a fim de se evitarem reclamações de preferência.

Promovido pela Secção Metalúrgica do Póço do Bispo, realiza-se, no próximo Domingo, 21 do corrente, pelas 14 horas, um certame de cédulas, a fim de se angariar donativos para o fundo da biblioteca.

Convidam-se, portanto os directores das ditas e que queiram tomar parte no mesmo, habilitando-se aos três prémios, a preencher a ficha para a Rua de Marvila, 57, 1.º.

Promovida pela comissão escolar e do Salão de Festas da Construção Civil, realiza-se no próximo Sábado, o terceiro concurso de cédulas, estando já bastantes inscritos dos melhores autores, devendo ser uma noite bem passada.

A comissão encontra-se todas as noites na sede, das 21 às 23 horas, podendo todos os camaradas requisitar em casa do continuu os seus bilhetes, porque devido à procura que tem havido já poucos restam.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Noticias

Deve subir à scena amanhã, no teatro do Gimnasio, a «Revista nua», original de Barbosa Júnior, que está destinada a causar verdadeira sensação, que foi escrita expressamente para a temporada de carnaval, recomendando-se pelo seu espirito e não contendo inconveniências. Na «Revista nua» entram muitas das principais figuras da companhia do Gimnasio, ensaiada por Gil Ferreira. Para esta «premiere» já estão à venda os bilhetes.

Reclames

Antes do Carnaval «A Moça de Campanilhas» dará apenas o espectáculo de hoje, o de amanhã e o de depois de amanhã, o que se anuncia para que o público aproveite estas três últimas noites, pois não é provável que a linda opereta depois volte a fazer cartaz.

A reaparição de Palmira Bastos a illustre artista tão querida e apreciada do público, atraiu ontem ao Gimnasio numerosíssima concorrência que muito a aplaudiu. Acompanhada-a, esplendidamente, há a notar, ainda, o trabalho de Gil Ferreira e Henrique de Albuquerque. A «Vida e doçura» repete-se hoje, no Gimnasio.

A revista do Maria Vitória, o prodigioso «Foot-Ball», continua sendo a grande atracção teatral da actualidade: haja o que houver, é certa a enchente todas as noites, nas duas sessões, saindo delas o público satisfeitíssimo. Dá-se esse facto porque o «Foot-Ball» tem espirito, a valer, tem actualidade, imprevisão, deslumbramento e como se tudo isto não fosse o bastante para o recomendar, acresce, ainda, o seu notabilissimo desempenho em que sobressaem Lina Demol, Hortense Luz, Ghira no *comper*, Carlos Leal, Alfredo Ruas e Santos Carvalho, o que há de melhor para o género revista. Hoje, para alegria do público lá tere-mos novamente, no Maria Vitória, o «Foot-Ball» em duas sessões.

Despede-se hoje do público de Lisboa a Grande Companhia de Circo que durante uma curta mas brilhantissima temporada alcançou no Coliseu dos Recreios um dos maiores êxitos de que há memoria. Este ultimo espectáculo deve ser aproveitado por todas as pessoas que ainda não viram o misterioso fakir indiano Blacaman, que tem produzido em todo o mundo culto o maior assombro e que faz também hoje a sua última exibição no Coliseu.

ESPERANTO

Nova Vojo (sociedade Esperantista Operária) — Reúne hoje o Curso Prático, pelas 21 horas, pedindo-se a comparencia dos antigos alunos e dos alunos que completaram os seus cursos elementares.

Ainda os últimos acontecimentos

Contra as perseguições

Do professor da escola primaria superior de Almada, sr. José do Nascimento Gomes, recebemos uma extensa carta, em que o mesmo professor protesta contra o facto de lhe terem passado mandado de captura, accusando-o de revoltoso.

Na sua carta, afirma o professor sr. Nascimento Gomes não ter tido a menor interferência no movimento revolucionário. Garante que, com um seu filho de 10 anos, passou a noite da revolta na farmácia do chefe politico democrático da terra, o que pode provar com testemunhas. Atribue a vingança do administrador de Almada a perseguição que lhe é movida, como resultado das ultimas eleições, vingança que no presente momento se estende a muitos chefes de familia, que sobresaltados tiveram que abandonar seus lares com graves prejuizos para as suas familias.

O professor sr. Nascimento Gomes termina apelando para o presidente do Ministério, no sentido de que este intervenha, garantindo-lhe o retorno sossagado ao exercicio do seu magisterio.

Óxali que seja ouvido, o que duvidamos, atendendo ao periodo que atravessamos, de politica tão vésa e odiata, que não poupa os proprios correligionários.

O «Patrão Lopes» regressou ao Tejo com os deportados

Da Arcada foi-nos enviada a seguinte noticia:

«O vapor de salvação «Patrão Lopes», que havia seguido para os Açores, com os presos considerados cabecilhas do ultimo movimento revolucionário, voltou ontem ao Tejo, pois tendo andado 240 milhas o comandante viu que não podia chegar ao seu destino por falta de carvão, em consequência de ter dispendido muito combustivel devido ao muito mar e ao vento contrario, resolvendo voltar para traz, a fim de atestar de carvão e seguir depois para os Açores.»

Um protesto da Junta de Freguesia de Bemfica contra as deportações

A Junta da Freguesia de Bemfica enviou ao presidente da república o seguinte telegrama de protesto contra as deportações: «E. M. Sr. Presidente da República.— Bemfica.

A Junta de Freguesia de Bemfica reúne em sessão sauda V. Ex.ª e protesta indignadamente contra a deportação de revolucionários republicanos, pedindo a sua intervenção para evitar mais ódios na familia republicana.— O presidente da Junta: Acácio António de Campos.

OS QUE MORREM

Domingos Pavão

Após longo e doloroso sofrimento, faleceu ontem pelas 10 horas, vitimado pela tuberculose, o sr. Domingos Pavão, operário impressor da Casa da Moeda.

O falecido era dotado de excelentes dotes de carácter, sendo estimado por todos os seus superiores e amigos. Era casado com a sr.ª D. Laura Pavão, deixando na orfandade uma filhinha de 9 anos, que era todo o seu enlevo.

O seu funeral realiza-se hoje, pelas 14 e meia horas, saindo o préstito fúnebre da sua residência na rua da Arrabida, 71, rje. para o cemitério oriental, sendo o acompanhamento a pé.

Etelvino Luis da Silva

Faleceu ontem Etelvino Luis da Silva, tipógrafo do jornal *O Correio da Manhã*. O seu funeral realiza-se amanhã, às 15 horas, saindo da Estrada do Calhariz de Bemfica, 88, para o cemitério de Bemfica.

SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Dramático Solidariedade Operária. — Reúne hoje em assembleia geral, às 21 horas, sendo a ordem dos trabalhos: apresentação de contas da gerência de 1925 e eleição dos corpos gerentes para o ano corrente.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Dante Alighieri» são hoje expedidas malas postais para os Açores e New York.

Da estação central dos correios a última tiragem de correspondências efectua-se às 10 horas da manhã.

TEATRO GIMNASIO

HOJE

A LINDA COMÉDIA

VIDA E DOÇURA

Amanhã

iniciam-se os espectáculos carnavalescos

COM A

REVISTA NUA

de Barbosa Júnior

Música de Serafim Rada e Luis Filgueiras

SÁBADO, DOMINGO, SEGUNDA E TERÇA-FEIRA 4 GRANDIOSOS BAILES DE MÁSCARAS 4 NO TEATRO NACIONAL

HOJE AS DUAS METADES

A MAIS GALANTE DAS PEÇAS

50 % de abatimento aos espectadores que comprem bilhete de baile e de plateia para assistir ao espectáculo.

Fauteuils, 15\$00; Cadeiras, 12\$00; Superior, 6\$50; Varandas, 3\$50; Geral, 4\$50

ASSINEM Os Mistérios do Povo

A propósito duma prisão

De Armando de Azevedo, preso por motivo dum conflito suscitado entre ele e o adjunto da P. S. E. sr. Jorge de Carvalho, recebemos, com um apelo à nossa lealdade e isenção, a seguinte carta:

Senhor director:—Ignoro que sentimentos de simpatia ou antipatia, o meu nome de guerreiro da República—possam inspirar-lhe. Do que tenho a certeza é que V. não me recusará no seu diário um canto onde eu me possa defender.

Eu sei que existe à minha volta uma lenha que felizmente começa a ser combatida pelos meus próprios adversários politicos, freqüentemente mais leais do que muitos correligionários por quem me tenho batido, sacrificando-me. Bastará que V. se certifique da infâmia movida contra mim, para permitir que eu fale nas colunas do seu jornal.

A P. S. E. fez publicar num diário da tarde uma nota officiosa sobre pseudos motivos da minha prisão, apresentando um falso pretexto para levantar vis suspensões meu respeito. Para as esclarecer basta juntá-las um pouco contra a verdade.

Primeiro: afirma a nota que eu ando pelos caixes, ameaçando o presidente do Ministério. Com a lealdade que é meu hábito usar, declaro alto e bom som, que detesto os sistemas politicos do sr. António Maria da Silva; mas isto não me impediu de o salvar, ainda há pouco tempo. Foi durante o ministério do meu amigo sr. dr. Domingos Pereira. Tinham chegado até ele, informações seguras de que um atentado se preparava contra o sr. António Maria da Silva. Diante do deputado sr. Carlos Trilho, o sr. dr. Domingos Pereira pediu-me, sob minha palavra de honra, para que eu fizesse o que humanamente fosse possível, para malograr o atentado preparado. E como V. pode concluir, cumpro a minha palavra. E é agora, sob o governo deste senhor, que eu sou preso sob a accusação de o ameaçar publicamente.

De certo o sr. presidente do Ministério não teve conhecimento da nota officiosa da P. S. E. porque de contrario seria ele próprio, a pesar de meu adversário, quem viria desmentil-la. Mas como se tudo isso fosse pouco deu-se à publicidade a minha intervenção antiga no caso duma senhora brasileira.

O que em minha defesa tinha a dizer sobre este caso, já publiquei no *Diário da Tarde* de 4 de Julho de 1925 e no *Correio da Noite* de 30 de Julho de 1925, ficando então desfeitas as calunias que me lançaram.

Vamos ao principal. Vamos ao motivo da minha prisão. Encontrando-me há tempos no gabinete do capitão sr. Teodorico dos Santos, o seu adjunto sr. Jorge de Carvalho accusou-me de espalhar pelos cafés—sempre os boatos de café a servir de base à policia—que ele Jorge de Carvalho desviava fundos da P. S. E. em proveito próprio.

Respondi:—Se você tem testemunhas de que eu levantei tal afirmação em público processe-me. A Lei está a seu favor.

Recusou-se o adjunto da P. S. E. a aceitar a garantia da Lei, preferindo insultar-me, declarando-me por fim que estava pronto a «desafrontar-se comigo em qualquer campo».

Nada podia fazer naquele momento pela muita consideração que me merecia o capitão sr. Teodorico dos Santos. Mas fiquei aguardando o momento em que como homens nos desafrontássemos, como era de se esperar daquele senhor. Este momento chegou.

Encontrámo-nos no baile do Teatro Nacional anteontem à noite.

Repetiu o sr. Jorge de Carvalho a sua afirmação de... sem qualquer campo, hein? E como me segurasse pelas abas do casaco, eu com calma aconselhei-o a evitar escândalo dentro do teatro, estando disposto a segui-lo até onde ele quizesse. —Seguei o homem e não o policia—advertei. E ele, repetiu pela terceira vez:—«Você seguirá apenas um homem que quere desafrontar-se com outro homem». Saí lá.

Eu demorei-me o tempo indispensavel para me desarmar entregando a pistola a um amigo.

E uma vez na rua, o sr. Jorge de Carvalho contentou-se em dar-me voz de prisão. Não quero fazer comentários, V. os fará para a sua consciencia. E é assim que eu continuo a ser para muitos o lendário revolucionário perigoso e ameaçador, e para outros o sr. Jorge de Carvalho continuará a ser um homem leal, valente e destemido.

Agradecendo antecipadamente esta minha defesa, sou de V. com muita consideração, Armando de Azevedo (Governo Civil, 8 de Fevereiro de 1925).

TIVOLI Telephone II. 5474

A'S 8 3/4

Hoje e amanhã à noite

DUAS ÚLTIMAS EXIBIÇÕES

OS NIBELUNGOS

«Matinée» de quinta-feira

O Milagre dos Lobos

SEXTA-FEIRA

A IRMÃ BRANCA

SÁBADO

Primeiro espectáculo de Carnaval

O Milagre dos Lobos e Os Nibelungos são acompanhados de orquestra sinfonica.—A sala tem aquecimento.—Marcam-se bilhetes para toda a semana e para os espectáculos de Carnaval.

MARCO POSTAL

S. Brás de Alportel. — José Beja Mendonça. — Recebemos vale de 3500\$. Pagou diário e suplemento até 31 de Janeiro, p. p. e «Renovação» até 15 Fevereiro, p. p. Moura. — Carlos Fragozo Rodrigues. — «Renovação» paga até 30 de Setembro, p. p. diário e suplemento pagos até 30 de Novembro, p. p. Borba. — Associação dos Rurais. — Recebemos carta e 555\$.

AGENDA

CALENDARIO DE FEVEREIRO

Q.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
S.																														
D.																														
T.																														

MARES DE HOJE

França às 0,39 e às 1,10
Países às 0,09 e às 0,40

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	94\$75
Madrid, cheque	2576	
Paris, cheque	2725	
Suiza, cheque	3377	
Bruxelas, cheque	339	
New-York, cheque	10\$55	
Amsterdã, cheque	7\$75	
Itália, cheque	579	
Brasil, cheque	295	
Praga, cheque	5\$85	
Suécia, cheque	5\$24	
Austria, cheque	2\$76	
Berlim, cheque	4\$66	

ESPECTACULOS

TEATROS
Electro-As 21,15—As duas Metades.
Iluminado—A's 21,15—Vida e doçura.
Zito—A's 21,15—Marias encovadas.
Trindade—A's 21,15—Terra de Carmem.
Jellman—A's 21,30—Não te melindres, Beatriz.
São Luis—A's 21,30—Moça de Campanhã.
Frenha—A's 21,30—O Pão de Ló.
Eben—A's 20,30 e 22,45—As onze mil virgens.
Marta Vitória—A's 20,30 e 22,30—Foot-Ball.
Coliseu—A's 21—Grande companhia de circo.
Santo Yós—A's 9,15—Pom Pom.
Joquim de Almeida—Animatógrafo.
Cinema El Vicente (4 Graças)—Espectáculos às 3,30.
5,30, sábados e domingos com ematêdes.
Frenha Leque—Todas as noites. Concertos e divertidos.

CINEMAS
Tivoli—Olimpia—Central—Condes—Chiado Terrace—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança—Tortoise—Cine Paris.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

AVISO AO PUBLICO

APEADEIRO DE ALCARIA
Desde 5 de Fevereiro de 1926, no apeadeiro de Alcaria, situado na linha da Beira Baixa e que presta o serviço indicado na nota 1 do Aviso ao Público A. n.º 53, passa a haver venda de bilhetes de papel, das classes e para os percursos a seguir designados:

- de 1.ª e 2.ª classes da tarifa geral para as estações entre Covilhã e Castelo Branco;
- de 3.ª classe da tarifa geral para as estações entre Caria e Guarda;
- de 3.ª classe do \$ 5.ª da tarifa especial n.º 11 de grande velocidade, para as estações entre Castelo Branco e Covilhã.

Uso de Cais e Pontes-Cais Fluviais

Pelo presente se faz público que tendo a ponte fluvial da estação de Figueira da Foz deixado de fazer parte das instalações utilizadas em comum por esta Companhia e pela dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta, a partir da publicação do presente ficam sem efeito todas as disposições do Complemento à Tarifa de Despezas Acessórias, em vigor desde Novembro de 1922, relativas ao serviço que presta a ponte fluvial daquela estação, a qual passou a ser explorada unicamente pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta.

Lisboa, 28 de Janeiro de 1926.—O Director Geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

“A BATALHA” No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

LIMAS NACIONAIS



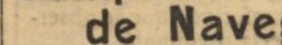
MARY REGISTADAS

Pedras Metal Auer para isqueiros, assim como rodas e moedas, vendem-se no

Lata, do Conde Barão

Uma dúzia, \$40; 1 cento, 2\$80; mil, 25\$00

Largo do Conde Barão, 55



Companhia Nacional de Navegação

Saídas em fevereiro de 1926

Dia 20, para o Funchal, São Vicente, Praia, Príncipe, São Tomé, Cabinda, Zaire, Ambriz, Loanda, (Ambrizete, Boma, Noqui, e Landana, com transbordo em Loanda), Amboim, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Cuio, Mossamedes e P. Alexandre, o paquete

Saídas em Março

Dia 1, para o Funchal e portos da Africa Ocidental e Oriental, o paquete

Dia 15, para o Funchal e portos da Africa Ocidental, o paquete

ANGOLA

PEDRO GOMES

Aviso importante—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou no costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO—Na sua Sucursal, rua da Nova Alfândega, 34.

AFRICA

ANGOLA

PEDRO GOMES

Aviso importante—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou no costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO—Na sua Sucursal, rua da Nova Alfândega, 34.

AFRICA

ANGOLA

PEDRO GOMES

Aviso importante—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou no costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO—Na sua Sucursal, rua da Nova Alfândega, 34.

AFRICA

ANGOLA

PEDRO GOMES

Aviso importante—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou no costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO—Na sua Sucursal, rua da Nova Alfândega, 34.

AFRICA

ANGOLA

PEDRO GOMES

Aviso importante—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou no costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO—Na sua Sucursal, rua da Nova Alfândega, 34.

AFRICA

ANGOLA

PEDRO GOMES

Aviso importante—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou no costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO—Na sua Sucursal, rua da Nova Alfândega, 34.

AFRICA

ANGOLA

PEDRO GOMES

Aviso importante—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou no costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO—Na sua Sucursal, rua da Nova Alfândega, 34.

AFRICA

ANGOLA

PEDRO GOMES

Aviso importante—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou no costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO—Na sua Sucursal, rua da Nova Alfândega, 34.

AFRICA

ANGOLA

PEDRO GOMES

Aviso importante—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou no costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO—Na sua Sucursal, rua da Nova Alfândega, 34.

AFRICA

ANGOLA

PEDRO GOMES

Aviso importante—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou no costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO—Na sua Sucursal, rua da Nova Alfândega, 34.

AFRICA

ANGOLA

PEDRO GOMES

Aviso importante—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou no costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO—Na sua Sucursal, rua da Nova Alfândega, 34.

AFRICA

ANGOLA

PEDRO GOMES

Aviso importante—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou no costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO—Na sua Sucursal, rua da Nova Alfândega, 34.

AFRICA

ANGOLA

PEDRO GOMES

Aviso importante—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou no costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO—Na sua Sucursal, rua da Nova Alfândega, 34.

AFRICA

ANGOLA

PEDRO GOMES

Aviso importante—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou no costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO—Na sua Sucursal, rua da Nova Alfândega, 34.

AFRICA

ANGOLA

PEDRO GOMES

Aviso importante—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou no costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO—Na sua Sucursal, rua da Nova Alfândega, 34.

AFRICA

ANGOLA

PEDRO GOMES

Aviso importante—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou no costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO—Na sua Sucursal, rua da Nova Alfândega, 34.

AFRICA

ANGOLA

PEDRO GOMES

Aviso importante—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou no costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO—Na sua Sucursal, rua da Nova Alfândega, 34.

AFRICA

ANGOLA

PEDRO GOMES

Aviso importante—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou no costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO—Na sua Sucursal, rua da Nova Alfândega, 34.

AFRICA

ANGOLA

PEDRO GOMES

Aviso importante—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou no costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO—Na sua Sucursal, rua da Nova Alfândega, 34.

AFRICA

ANGOLA

PEDRO GOMES

Aviso importante—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou no costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO—Na sua Sucursal, rua da Nova Alfândega, 34.

AFRICA

ANGOLA

PEDRO GOMES

Aviso importante—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou no costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO—Na sua Sucursal, rua da Nova Alfândega, 34.

AFRICA

ANGOLA

PEDRO GOMES

Aviso importante—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou no costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO—Na sua Sucursal, rua da Nova Alfând



1 greve ferroviária de Lourenço Marques

Os grevistas andam há mais de dois meses, ao sol e à chuva, o vagão fantasma—Os ferroviários ingleses declararam a boicotagem a Lourenço Marques

LOURENÇO MARQUES, Janeiro.—Há 6 dias que os ferroviários se mantêm numa heroica greve sem que as autoridades estejam apostadas em perder esta colónia se importem com esse movimento que qualquer outro governante teria merecido mediatas providências.

Já vos expliquei o valor da infame e neasta «Reorganização», trabalho de um fadado e que tem como única utilidade, a perseguição sistemática à classe operária pelos Avelares Ruas e Oliveiras Cabrais.

Meio milhão de libras, é a quantia devida para o pagamento dos prejuízos causados pela desorganização dos serviços, a cargo dos marheiros do «Gil Eanes».

Nas vedações e Armazéns da Alfândega, estão perto de 35.000 toneladas de mercadorias ao abandono, as quais não podem ser carregadas devido à deficiência de material vazio e do pessoal competente.

Os navios carvoeiros que deviam tocar neste porto para carregamento de carvão, deixaram de o fazer no número que perz um total de 50.000 toneladas desse combustível.

As firmas comerciais «Shippings» estão braços com a sua carga que têm mandado o reiozer com encarcerados particulares.

Os ferroviários, sem lei que tal permita, estão há 2 meses sendo utilizados para apanhar a frente do vagão fantasma, ao sol, à chuva e com fome.

Dai fizeram-se as deportações para a Guiné. Daqui fizeram-se deportações para Lisboa, deslocando indivíduos com 25 anos de idade e que aí se não podem acclimatar.

Indivíduos que não são indezíveis e que o crime de que são acusados é serem grevistas!

Aqui, às escondidas dos países cultos, vai-se zurdindo nos calabouços do comissariado, para com esses tratos obter dos presos o nome dos indivíduos que fazem parte do comité.

A-pesar dos protestos dos nossos camaradas da África do Sul, o sr. Bartolomeu Sevandija, com aprovação do Alto Comissário, continua mantendo este estado de terror que tem buscado com justa razão um ataque cerrado dos sul-africanos, que chamam a Lourenço Marques a cidade do terror.

E tudo isto se tem feito para não revogar uma «Reorganização» que traz uma economia de libras, 800 mensais!

A' sombra disto o que se tem mentido! O Alto Comissário, que está no governo contra a vontade de toda a população de Moçambique, tem feito o que nenhum Riviera teria ousado fazer.

Proíbe que a população reúna para pedir providências à metrópole, proíbe que se enviem telegramas; tem mantido a censura telefónica e dizem que postal, indo ao mesmo tempo iludindo o governo dal com falsidades como agora vemos pelos telegramas que daqui são por eles passados.

O sr. Azevedo Coutinho, desde o início da greve ferroviária e depois com a greve geral de 8 dias, convenceu-se que só por aqui poderia estar mais um mês desde que colocasse isto em ditadura.

Já lá vão 2 meses e por pouco que vos possa parecer, o sr. Azevedo Coutinho, enquanto os grevistas têm vivido do auxílio deste povo leal, recebeu à sua parte e sem se importar com os graves prejuízos que o seu governo nos acarrete, cento e doze contos em moeda corrente e representada, quasi pelo dobro se tivéssemos em linha de conta que arranjar uma lei que não é extensiva a todos os cidadãos e pela qual ele pode transferir os seus ordenados para Lisboa somente com o encargo de 10 %!

A obra administrativa do sr. Azevedo Coutinho, tem-se resumido no embelezamento da «Namahacha», Circunscrição que dista de Lourenço Marques 75 quilómetros e para onde costuma ir passar os seus domingos e feriados!

Como os automóveis que anteriormente encontrou se estafaram nestes constantes passeios, obteve dois de boa marca, novinhos em folha e que lhe garantem o terminus do seu governo, sem uma panna e caminho da Sintra de África como aqui chamam à povoação que me refiro e que tanto é adorada pelo nosso governante.

Tem-se resumido nisto, a obra deste «bonzo» que, conhecedor das manhas do mestre, vai contendo fazendo reclamações para Lisboa que já conseguiu isto e aquilo sem contudo ter conseguido mais do que o avolumar de escândalos e de vergonhas que, neste momento, concorrem bastante para o tal reclamado progresso colonial!

A greve ferroviária é completamente desconhecida nos seus detalhes por este imbecil.

Estando esta terra, até agora, livre dos processos demeritísticos al empregado, começou sentindo os efeitos da repugnante forma que por aí se usa em comprar jornalistas e adquirir jornais.

Então isto é ter carácter?

Para se entrar na propaganda de um governo de inépcia e na defesa de um bom comerciante que paga, desceu-se ao último grau do banditismo.

E para que a metrópole fique sabendo a união desta população, basta dizer-lhes que a alma do povo está com os ferroviários e que a causa dos ferroviários é a liberdade da população.

A população de Lourenço Marques, com uma psicologia diferente da da metrópole, entende que um agravio às liberdades de uma classe é ipso-facto um ultrage às suas garantias.

Dessa forma, a greve ferroviária tem-se mantido e se os grevistas foram vencidos pelas necessidades, isso importa em gravíssimos resultados que esses governantes têm o dever de evitar.

Cognomino isto de um governo de fadados e a razão desta minha opinião é a de que nenhum dos indivíduos que governam se aperceberam do momento que convulsiona o mundo inteiro.

Exigem a rendição completa da classe, inscrevendo-se para novos lugares!

Então pode lá isto ser? 25 anos de serviços ao meio ferroviário, desde o início da linha férrea, deixados fora?

O direito da reforma em virtude de 25 anos de exploração constante, deitado à margem? Onde está essa democracia?

Seja qual for a forma de governo, e isto

querendo nós admitir o princípio do governo nesta sociedade em putrefacção, teria que se encerrar o conflito ferroviário pelas formas seguintes:

1.º Tem a greve razão de ser?

2.º Houve reclamação anterior, da classe afectada pela reorganização?

3.º Quais as medidas adoptadas pelo governo?

Resposta:

1.º Tem razão de ser, devido a cercar regalias conquistadas por greves anteriores e as quais trouxeram graves prejuízos para a paralisação dos serviços e vítimas da parte dos grevistas.

2.º Devido ao governo pretender a aprovação da «Reorganização», deixou criminalmente de ouvir o Conselho Legislativo que ele sabia anteriormente que regeitaria o trabalho e, numa veloz passagem pelo Conselho Executivo não deu tempo a que ma, o que porém não evitou que dias antes tivesse conhecimento de alguns atropelos às suas regalias e levou a classe a protestar imediatamente e pedir que não pusessem em execução um trabalho que traria um sério conflito.

3.º Avariar do espírito popular se a medida decretada era ou não em interesse da Comunidade.

4.º Julgar dos interesses para o tesouro com a aprovação de tal diploma e ajudar dos prejuízos que a prolongação da greve pudesse acarretar.

5.º Ter em consideração a opinião pública e resolver segundo o princípio de justiça, tendo em vista as liberdades constitucionais dos indivíduos que só podem ser atacadas suspendendo as garantias.

O que fizeram os ferroviários? Decretaram a greve no dia 11 às 10 horas.

O que fez o governo? No dia 1.º de Dezembro, efectuou a prisão do professor Solipa Norte como implicado num complot que o governo forjou e prendeu no mesmo momento os ferroviários Nuno Pedro e Luís Zeferino.

Começou o governo na forma violenta de resolver o conflito e como até ao dia 6 não houvesse violência por parte dos grevistas, appareceu milagrosamente um acto de sabotagem como prelúdio das injustiças que estavam na forja!

Começaram as prisões a torto e a direito. Demittiu-se o pessoal na totalidade, lavrando diplomas e portarias, sem respeito por direitos e até sem atender que se o pessoal se não tinha apresentado, era pelo simples facto de estar preso...

Perdeu-se o lino e a violência era o único caminho para manter o prestígio da autoridade... Espadeiramento nas ruas e ameaças por intermédio dos jornais que o sr. Bartolomeu conseguiu comprar numa reunião a que convidou a imprensa a assistir.

Não houve o menor respeito pela população e decretaram-se contra ela medidas vexatórias e vergonhosas assaltando casas e apalpando mulheres.

Esta foi a fórmula usada pelo Alto Comissário para resolver o conflito ferroviário.

Medidas draconianas e de nenhum efeito quando uma população pede em altos clamores a um intruso como o sr. Coutinho, que se demita visto ser a mais na provincia.

Do que servem todos os uhabes do sr. Azevedo Coutinho e Bartolomeu Severino, se a população de Lourenço Marques tem por estas criaturas um desprezo formidável?

Pela mesma forma como João Brandão governou na Beira Alta.

Constituição, liberdades, códigos, etc., isso é letra morta para estes saltadores como o era para o nosso herói de então.

E quando terminará esta bambocada? Deve haver duas semanas que os nossos camaradas da União, avisaram o seu governo para fazer sentir ao nosso que empregasse uma melhor forma de tratamento para com os camaradas portugueses e que no caso de não ser satisfeito esse pedido, que eles ingleses estabeleceriam o boicote a Lourenço Marques.

Foi isto resolvido no Congresso, em Port Elizabeth, no dia 4 do corrente e como até agora não tivéssemos fim as violências do governo português, os ferroviários ingleses tomaram a decisão de começar restringindo o tráfego descendente.

Há 3 dias que só se efectua um comboio de mercadorias nas linhas portuguesas, além de 2 mistos e um correio.

Isto vai num sino, com estes governantes demeritísticos.—C.

Uma digna atitude da Liga dos Direitos do Homem

A Liga dos Direitos do Homem resolveu entregar ao governo um protesto contra a atitude do governo e autoridades de Moçambique que originaram a greve ferroviária, e a pretexto desse movimento cometeram várias violências como: assaltar e arrombar de noite as casas dos grevistas, manter estes presos mais de oito dias sem culpa formada, deportando-os para a metrópole.

Nessa leva de deportados veio um professor pelo crime de censurar os actos das autoridades, actos que levaram o comércio a encerrar durante alguns dias. Por correspondência de particulares soube a Liga que a origem da greve foi a reorganização dos serviços ferroviários, pela qual são cercadas regalias ao pessoal operário a título de economia, e aumentada a remuneração a superintendentes desses serviços. Mais sabe que o Partido Trabalhista da União Sul Africana protestou contra os actos cometidos em Lourenço Marques aprovando uma moção de sympathia aos ferroviários, recusando-se os da União a trabalhar em comboios tripulados no território português por pessoal que tivesse furado a greve.

Sabendo o Directório da Liga que o inspirador do Alto Comissário de Moçambique e dos abusos da autoridade foi o seu consócio Adelino de Figueiredo Lima, resolveu enviar-lhe nota de culpa, visto ter sido proposta a sua irradiação, o o Estatuto não permitir que se demita nenhum sócio, sem ao mesmo ser dado o direito da defesa adentro da colectividade.

O Directório reúne todas as primeiras segundas feiras de cada mês.

INTERESSES DE CLASSE

O descanso dominical e os empregados no comércio de Leiria

Anda há já bastante tempo a Associação de Classe dos Caixeiros Leirienses empenhada em conseguir o descanso semanal em dia único, para o comércio, no distrito de Leiria.

Velha aspiração do caixeirato local, ela sintetiza bem, a vontade que tem a classe, uma das mais atrasadas, no que diz respeito à organização sindical, de arrear caminho e vir, enfileirando ao lado das classes oprimidas pelo jugo capitalista, reclamar regalias a que tem jus.

Para esse fim, realizou-se há tempos, como aqui noticiámos, uma sessão magna da classe, tendo sido, depois de largamente ventilado o assunto, nomeada uma comissão pró-descanso dominical, comissão essa que, segundo informações que colhi, não se tem poupado a esforços, tendo já feito, entre outras coisas, uma consulta às diferentes associações congêneres do distrito, pedindo informes sobre o actual dia de descanso, dias de mercado e se o descanso dominical será bem recebido.

Por outro lado, o camarada Sá Pessoa, na Voz do Povo, jornal local, continua ferindo-nos os ouvidos com as palavras—Descanso Dominical—inclitando todos os camaradas a darem à Associação o seu apoio, quer moral, quer material, se preciso for, ao mesmo tempo que transcreve passagens dalguns jornais da classe, que se têm referido ao assunto e até à moção aprovada no último congresso realizado no Porto e apresentada pelo grupo «Luz e Vida».

Ora o descanso dominical, que reconheço como uma das grandes regalias para o comércio, impõe-se; e impõe-se, não só porque é uma regalia a conquistar, mas porque muito vinha contribuir para a aproximação das classes.

Em Leiria, por exemplo, os dias de descanso desentendidos fazem com que entre as diversas classes não haja aquele convívio, aquela camaradagem que deveria haver; enquanto que os cortadores abrem todos os dias os talhos, os barbeiros sapateiros descansam às segundas, os empregados no comércio às quartas e finalmente ao domingo as restantes classes trabalhadoras, que por si só, formam uma grande maioria.

A Associação Operária, uma das principais interessadas, cabe também tratar desta questão, que reputo de importância; e, embora eu já tivesse chamado a sua atenção nos dois jornais locais, ela continua e continuará sem dar sinais de vitalidade, mergulhada em profunda letargia, enquanto a sua frente estiverem pessoas com educação de caserna, e que estrabicamente olhem para tudo que seja organização.

A união faz a força. A associação operária, que deve estar incondicionalmente ao lado dessa classe que quer reagir, mostrando assim que também se interessa pelas questões de interesse geral, deve, sem mais delongas, encetar um forte e bem orientado movimento pró-descanso dominical a dentro das suas classes, e enquanto assim não suceder, prometo não descurar o assunto, fazendo-lhes ver os resultados e benefícios que do descanso em dia único podem advir para todas as classes trabalhadoras.

Leiria, Fevereiro de 1926.—Domingos da Conceição Felizardo.

AGITAÇÃO OPERÁRIA NA AUSTRIA

A crise de trabalho na Austria atinge enormes proporções. Actualmente, encontram-se sem trabalho mais de vinte por cento da totalidade dos operários e empregados nas indústrias. Segundo as estatísticas burguesas, é bom notar, o operário austriaco é o que menor salário recebe.

Allegando a incapacidade da industria suportar maiores encargos, nem podendo fazer concorrência à industria estrangeira, os patrões opõem-se teimosamente, apoiados no governo e na imprensa, a todas as reclamações de aumento de salário que fazem os operários.

Os reformistas fazem estragos na acção do operariado com a sua tática divisionista. Opondo-se a todas as tentativas de greves gerais, os chefes reformistas levam o operariado a uma luta dispersa, na qual é facilmente vencido pelo patronato unido.

A-pesar-disso, o movimento das classes é, quasi sempre, impetuoso, fazendo que os social-democratas reclamem da burguesia parciais concessões, localizando as greves declaradas. Os metalúrgicos são os que mais disposição mostram para as grandes lutas.

Assim, em greve estão 4.000 em Denawitz (Alpes); 2.500 nas fábricas Siemens, Viena; perto de 2.000 em Saint-Egyd e de 4.000 na fábrica de armas de Steyr. Calcula-se em 21.000 o número de operários metalúrgicos em greve ou em lock-out.

Outras classes se mantêm em greve: na Corintia, metalúrgicos e mineiros; em Klagenfurt, os manipuladores de pão. Os funcionários do Estado, em «referendum», ameaçaram declarar a greve se não forem atendidas as suas reclamações de melhoria económica, tendo também os correios e telegrafos reclamado contra a exigência dos seus vencimentos.

No Alto do Pina

PROPAGANDA SINDICAL

Com o fim de organizar uma secção profissional, a Associação dos Operários Manufatureiros de Calçado de Lisboa promove hoje uma importante sessão de propaganda na sede das secções da Construção Civil e Metalúrgica, rua Barão de Sabrosa, ao Alto do Pina.

Aquella associação, para esse fim, fez distribuir um manifesto elucidativo, convidando a classe daquela área a comparecer nessa sessão, às 21 horas.

O novo regime dos tabacos

Uma comissão de operários e empregados dos tabacos conferenciou ontem com o ministro das Finanças, no sentido de ficarem garantidos os seus direitos e regalias no futuro regime daquela industria.

A Câmara Municipal deve dinheiro de salários ao seu pessoal e não se resolve a saldar a dívida

O operariado municipal é uma das muitas classes, que está em luta contra um salário que humilha e os mata de fome.

A câmara, que lhes deve dinheiro, há longos meses, pois desde 20 de Março de 1925 aprovou uma melhoria de situação económica, que nunca cumpriu, tendo esbanjado o dinheiro que se destinava aos operários, ficou-lhes devendo 40 % da melhoria de salário aprovada.

Como o pessoal, cansado de esperar, farto de promessas e de palavras de honras, como as que deu o sr. dr. Marques da Costa, quando presidente da C. E., vá agora de reclamar aquilo que justamente lhe pertence, os illustres actuais membros da C. E., para amedrontar o pessoal, vão ameaçando-o de pôr na rua, por falta de verba, para sustentar o pessoal no serviço activo.

E' uma forma bastante habilidosa de os edis municipais pretenderem pôr em prática, mas, certos estamos, os militantes da classe saberão preaver-se, a fim de evitar que os instintos criminosos da actual vercação tenham principio.

Ontem, encontramos um dos membros da comissão de melhoramentos da classe. Perguntámos-lhe o que o trazia tão agitado, pois nos contava que na reunião que tinham realizado entre um grupo de militantes, se havia deliberado assuntos de importância.

Resposta rápida e desassombrada: —Estamos dispostos a entrar em luta aberta com a actual vercação, se ela nos tratar de igual forma que a transaccão. Aquella a que presidiu o dr. Marques da Costa conseguiu ludibriar-nos consecutivamente. Calcule que este cavalheiro, declarou, sob sua palavra de honra, o cumprimento da melhoria que o Senado aprovou em 20 de Março de 1925. Os tempos foram correndo e chegou a haver uma ocasião em que nos ofereceram um documento onde a Câmara nos garantia o pagamento da sua dívida. Mas... mas de balde. Foi-nos ludibriando sempre.

—E os restantes membros da comissão executiva?

—Esses empurravam mutuamente as responsabilidades para as costas uns dos outros e, finalmente, a dias da partida deles, resolvemos aguardar que nova Câmara tomasse posse.

—E agora, como vos responde a actual vercação?

—Tivemos uma entrevista apenas com o actual presidente da C. E.

—E impressões?

—Estamos convencidos de que só uma enérgica resolução da parte do pessoal, nos pode levar à vitória. Não podemos esperar mais tempo, nem consentimos que nos continuem ludibriando.

—Que pensam então fazer?

—Alguma coisa que faça ver à Câmara que os operários não estão dispostos a suportar por mais tempo o miserável salário que usufruem. Tanto mais que nós não pedimos aumento de salário, mas apenas, uma dívida, que a Câmara desde 19 de Janeiro de 1925 nos deve, e aprovada como já disse em Março. Estamos preparando a classe: por estes dias iremos em massa à Câmara e é provável que nesse mesmo dia inicie a sua publicação um jornal que defenda os nossos interesses.

—Vão ter então um órgão da classe?...

—Assim contámos; um grupo de militantes trabalha activamente para atingir esse objectivo. Contávamos com a sua saída no fim do mês passado: Não foi possível... mas não tarda. E' natural que a nova arma de que vamos dispor nos dê alento, e estou convencido de que as nossas reclamações deverão tomar outra feição.

—Portanto não há nada de positivo...

—Depende da resposta que obtivermos na próxima entrevista.

—E se não forem atendidos?

—Não há razão para tal, mas se assim suceder travar-se há o combate. São fases da luta de classes. Por mim, procurarei desempenhar o meu papel e, custe o que custar, a vitória nos há de caber.

Com um apêto de mão, o jovem militante dos operários municipais prometeu-nos fornecer elementos que nos habilitem a informar os nossos leitores da tirania de que é vítima uma classe tão laboriosa, onde há salários variáveis de, para homens, de 12\$50 a 16\$00, e para mulheres 7\$00.

A oposição das classes operárias alemãs à redução de salários

A oposição das classes operárias à pretendida redução de salários não afrouxa. Os industriais vêm-se em sérios embargos para diminuir, ao menos, a resistência dos trabalhadores.

A Federação dos Empregados Bancários promoveu um referendum, que se pronunciou de acordo com uma sentença arbitral que determina o aumento mínimo de 4 por cento nos salários, mas faz prolongar a semana de trabalho de 46 para 54 horas.

Os tipógrafos descuram-se, por culpa da sua federação, em exigir o aumento de salário a que têm direito, por sentença arbitral, desde que o livro tem sofrido uma alta de preços.

Os ferroviários foram vítimas de uma iniqua sentença arbitral, que interessa o computo dos salários.

Na Silésia, os metalúrgicos celebraram com os patrões um acordo que mantém os actuais salários até ao fim de Fevereiro corrente, afastando por semanas o perigo de uma redução.

Na Floresta Negra, os operários da industria de relojaria têm vindo a declarar greves parciais contra a redução de seis por cento imposta pelo patronato. Como resposta, os industriais encerraram as fábricas no dia 15 de Janeiro último.

Finalmente, na industria de carruagens, os operários estão-se opondo a uma redução de 20 por cento que os patrões procuram impor.

Voz do Operário

Amanhã, pelas 20,30 horas, reúne a assembleia geral desta colectividade, para discussão de um relatório e proposta da C. A. sobre o desenvolvimento da mesma colectividade e ainda uma proposta de um sócio sobre o mesmo assunto.

A assembleia occupar-se há também de outros assuntos, pendentes de anteriores assembleias.

Na fábrica de tecidos de Fafe exerce-se uma heidionda exploração sobre os operários

Não é só em Delães, Riba de Ave e por toda esta região, que os potentados industriais, do quilate de Alexandre Ferreira, assentaram seus arraiais, vivendo do sangue do enorme rebanho que vai sofrendo resignadamente todas as misérias e todas as opressões... Não é só nessas localidades a que nos vimos referindo que se observam quadros de miséria revoltante.

Em Fafe, nessa encantadora vila, que dista uns dez quilómetros de caminho de ferro da não menos encantadora cidade vimaranesa, existe uma roça na verdadeira acepção da palavra, que dá pelo nome de Companhia de Fiação e Tecidos de Fafe, onde se exerce uma vil exploração contra o seu pessoal, cujo número deve regular por novecentos operários.

O aspecto da referida fábrica, pela sua situação topográfica, circundada de grossos eucaliptos e pinheiros, no fundo dum vale, não pode ser senão comparado a essas roças de que as ilhas de São Tomé e Príncipe e Macau são férteis.

Não nos queremos referir à maneira como se encontra edificada, porque isso seria ao mesmo tempo, pretender engraxar os seus empresários, a quem queremos vergastar pela maneira ignobil como abusam da ignorância de todo aquele povo.

No norte de Portugal, já por mais duma vez o temos dito nestas colunas, o feudalismo predomina com pretensões a ramificação... Uma numerosa quadrilha de salteadores escolheu todos estes lugares para exercerem o seu officio, de que são vítimas esses honrados e humildes escravos, que fazem recordar os tempos da velha Roma...

O país da industria têxtil está transformado num verdadeiro pinhal da Azambuja!... E oh! irrisão das irrisões! todos estes crimes verdadeiros passam impunes sem deles ter conhecimento a massa produtora dos grandes centros.

Na fábrica de fiação e tecidos de Fafe—ou por outra—na roça dum grupo de industriais alemães, abusa-se consideravelmente do número de operários que acima citamos: novecentos. Ali, se não é pior do a exploração exercida em Riba de Ave pelo menos não é menor.

O salário que em média os operários de Riba de Ave auferem, durante o período de 60 horas, ou seja uma semana a 10 horas por dia e até mais, em Fafe, na tal dita roça, é para quinze dias... E isto é o que nos sabemos, por vermos e não porque no-lo dissessem...

Nesta fábrica—estilo alemão—só se fazem férias de quinze dias... E que férias!... Trinta escudos em média... no final de 120 horas dum trabalho árduo, sem os operários verem nunca a luz do sol—excepto aos domingos...

Estes factos demonstram bem o estado de atroz em que o operariado se encontra.

Que todos saibam e conheçam o estado de morbidez em que se encontram milhares e milhares de escravos que se empregam na industria têxtil, e tirem a ilacção de que isso consequência do predomínio do feudalismo moderno!...

Mas vamos lá a entrar em mais minudências para completarmos este nosso escrito.

A empresa da tal fábrica, reconhecendo a insuficiência dos salários dos seus operários, fornece por preços mais baixos géneros alimentícios, aos que na dita deixam diariamente uma parcela da sua existência... Pela Páscoa, como não podia deixar de ser, todo o pessoal é gratificado com seis metros de cotim do melhor... à escolha...

E é por ocasião do Natal, que os operários mais se alegram, porque é quando a empresa, por espírito de filantropia, dá a consoadá a todos por igual razão...

Quere dizer, os operários só têm direito a encher o estômago, uma vez por ano, por ocasião do nascimento do messias cristão...

Não nascer um messias todos os dias, para o pessoal da roça fafense...

E o que mais nos enche de indignação é, quando lhes é distribuída a consoadá os operários realizarem uma festa em honra dos seus patrões «bondosos» que reconhecem a sua miséria distribuído a cada um cinco quilos de bacalhau...

Secção Telegráfica

Federações

CONSTRUÇÃO CIVIL

Sindicato da C. Civil de Viana do Castelo.—O expediente já lhes foi enviado em encomenda postal, digam se receberam.

MOBILIARIA

Sindicato de Faro.—Segue o expediente.

Cesteiros de Gonçalo.—Idem.

Sindicato do Porto.—Continuamos aguardando notícias.

VIDA ANARQUISTA

«O Anarquista».—Reúne hoje, pelas 19 horas, a comissão administrativa e redactorial deste jornal para, duma forma assás definitiva, resolver sobre a sua saída e assuntos relativos à redacção e administração.

A comissão organizadora, que há pouco ainda iniciou, por mandato duma magna reunião de revolucionários de Lisboa, os trabalhos, constata com regosio o acolhimento deveras grandioso que a esta iniciativa têm dispensado os anarquistas de toda a parte.

Porisso muito em breve O Anarquista será um órgão de doutrina e de combate lançado ardorosamente na luta, mas com serenidade, frente aos inimigos de toda a espécie, antigos e modernos, das ideias anarquistas e do proletariado que os segue. Era um vácuo na imprensa revolucionária portuguesa que deslocava as actividades.

Desajamos, pois, é que todos os que reconhecem em O Anarquista uma bandeira da causa libertária que é necessário sustentar com denodo nesta hora de definições imprescindíveis, lhe prestem todo o auxilio. Toda a correspondência a: Francisco Quintal, travessa da Agua de Fôr, 16, 1.ª, Lisboa, Portugal.

Vida Sindical

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne amanhã às 21 horas.

COMUNICAÇÕES

Compositores tipográficos.—Reúniu ontem extraordinariamente a direcção, a qual appreciou as várias anomalias existentes nas oficinas, ficando encarregado Rodrigues Castelo, Augusto Machado e Moura Santos, de tratar de um caso ocorrido num quadro dum jornal diário, e convidar o pessoal duma outra oficina a reunir amanhã.

Resolveu também officiar à Associação dos Encardadores para um assunto importante.

Impressores tipográficos.—Tomou posse a direcção ficando constituída da seguinte forma: António Costa, 1.º secretário; Venceslau de Oliveira, 2.º secretário; Ernesto Barros, tesoureiro; Carlos de Oliveira e Alvaro dos Santos, vogais; resolvendo que as reuniões de direcção se effectuem às terças-feiras pelas 20,30 horas.

S. U. C. C.—Foram nomeados para fazer parte da comissão administrativa do corrente ano, os seguintes camaradas: Júlio Joaquim Rodrigues, Deolindo de Almeida, José Henrique Soares, João Ramos Martins Direito e Alexandrino Pais. Para cobrador da área do Pote de Agua, Luís Filipe Frazão.

Para delegados ao conselho técnico, Ernesto José Inácio, Carlos Ferreira Pinto e Alexandrino Pais. Para o conselho de secções, Cândido Dias e Firmino Peixoto.

Conselho de Secções.—Reúniu este conselho que nomeou a nova comissão executiva, que ficou assim constituída: secretário geral, Carlos Maria Coelho; secretário adjunto, Francisco A. Fernandes; secretário arquivista, Guilherme Artibeiro; vogais, António Manuel Vinhais e José da Costa Dias.

Federação Mobilíaria.—Reúniu a comissão administrativa que se occupou de vários trabalhos a apresentar ao conselho federal, o qual se realizará na próxima quinta-feira.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Contra-mestres, marinheiros e moços.—A comissão administrativa para assuntos de interesse indivíduo.

Manipuladores de Pão.—Em assembleia geral todos os caixeiros de Lisboa e arredores a fim de tratar assuntos de grande importância.

S. U. Mobilíaria.—Pelas 20 horas, o comité da sede, para um assunto urgente.

Corteiros de Belém.—Pelas 17 horas para tratar de assuntos de importância para a classe.

S. U. C. C.—Conselho Técnico.—Pelas 20 horas a comissão administrativa.

Secção da Charneca.—Pelas 20,30 horas a comissão administrativa.

Litógrafos e anexos.—Pelas 20 horas reúne a comissão administrativa conjuntamente com o conselho fiscal. E' conveniente a comparencia de todos os componentes.

DIAS PROXIMOS

Federação da Construção Civil.—Na próxima quinta-feira pelas 21 horas reúne o Conselho Federal.

Federação Ferroviária.—Reúne amanhã pelas 18 horas, a comissão executiva deste organismo, para tratar assuntos importantes, entre eles da situação dos ferroviários deportados de Lourenço Marques.

Operários alfaiates.—Amanhã pelas 21 horas reúne a direcção, conjuntamente com a direcção transaccão.

Pintores da construção naval e anexos.—Reúne amanhã em assembleia geral para nova posse dos corpos gerentes e para ser apreciado o relatório de contas do 2.º semestre de 1925.

S. U. C. C.—Secção de Carpinteiros.—Reúne amanhã pelas 20 horas, a comissão revisora de contas e a comissão administrativa que fez parte desta secção em 1925.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação.—Reúne na próxima quinta-feira, pelas 20 horas, o comité federal em conjunto com a comissão de resistência.

Toda a correspondência para a Federação deverá ser dirigida a Emílio Santana, travessa da Agua de Fôr, 16, 1.ª.

CONFERÊNCIAS

«O que é o Esperanto»

Na sede da Sociedade «A Voz do Operário», realiza hoje, pelas 20,30 horas, uma conferência sob o tema acima, o sr. Saldanha Carreira.

«Organização científica do Trabalho»

Hoje, pelas 21 horas, e promovidas pela Universidade Popular Portuguesa, realizam-se conferências nas seguintes secções da mesma instituição educativa: no Sindicato da Construção Civil, à calçada do Combro, pelo sr. dr. João Camoes, sob o tema: «Organização científica do Trabalho», e no Sindicato Metalúrgico, rua da Esperança, 122, 2.º, pelo sr. dr. Júlio Eduardo dos Santos, subordinada ao tema: «A física e a química ao serviço dos fenómenos sociais».

A conferência que o sr. dr. Câmara Reis devia efectuar, hoje também, na Secção Metalúrgica e de Construção Civil do Alto do Pina, realiza-se no dia 21.

Os «inocêncios» internacionais

BUDAPEST, 8.—Os jornais publicam um longo artigo do Conde Bethlem, presidente do conselho, no qual este se esforça por justificar a sua attitude no escândalo das notas falsas do Banco de França, e termina por declarar que se retirará do poder logo que a sua consciência lhe indique ser prejudicial à Hungria.